

ORGANIZAÇÕES DE AGRICULTORES E EXTENSÃO RURAL

Celestino A. M. Almeida*

Identificar as relações entre a Extensão e as Organizações de Agricultores (OA) e seu papel no Desenvolvimento Rural.

A expressão "desenvolvimento" foi nos últimos anos confundida ou entendida com o crescimento económico e com os aumentos das produções. Como tal, o desenvolvimento rural era entendido como um simples aumentar das produções agrárias conseguidas a todo o custo. Estas pretensões conduziram à tomada de opções no nosso país, como:

- a prática de monoculturas;
- implantação de grandes áreas cerealíferas de sequeiro;
- forte especialização, mas apoiada numa fraca tecnologia, o que implica baixas produtividades;
- utilização indevida de grandes áreas do solo.

Como consequência destas opções, que por um lado cumpriram os seus objectivos, surgiram aqueles que são considerados os problemas actuais:

- a degradação do meio rural - desertificação humana e física;
- aumento das disparidades e das dificuldades para os pequenos proprietários;
- utilização indevida dos recursos, causando problemas ecológicos, problemas de excedentes de alguns produtos e problemas sociais de várias ordens.

Uma vez identificados os problemas com que nos defrontamos actualmente, resta-nos tentar procurar as estratégias que nos permitam utilizar os recursos técnicos, naturais e humanos de forma a minorar ou anular esses problemas.

Ora, dizermos que as decisões e a definição das estratégias são da responsabilidade do MAPA ou da CEE, é estarmos a abster-nos do nosso papel como cidadãos, como técnicos ou como proprietários; é estarmos a anular a nossa voz e as nossas razões!... Pensamos, pois, que a responsabilidade da tomada de decisão se reparte por todo um conjunto de entidades, que vai desde os pequenos agricultores até às mais altas

instâncias comunitárias. Ao mesmo tempo, também pensamos que a única possibilidade de os agricultores fazerem sentir as suas ideias e as suas vontades é através do recurso ao associativismo seja ele sob que forma for.

Sendo as cooperativas as organizações mais difundidas no sector agrário, torna-se então lícito dizer que: as cooperativas têm de assumir um papel reivindicativo, de um desenvolvimento equilibrado a nível das actividades sociais e económicas. Para tal, é indispensável repensar os papéis das cooperativas, que entendemos serem:

- participação na definição das estratégias;
- formação profissional;
- extensão, isto é, apoio técnico, vulgarização de técnicas, de produtos e investigação.

Em relação a estes papéis, o da Extensão tem vindo a ser muito abordado nestes últimos tempos, pois, através da implementação do programa PROAGRI, o Estado pretende, entre outros objectivos, transferir os "serviços de extensão" para as OA. Mas, ao fazê-lo através deste programa, a acção não é globalizante, ficando de fora um grande número de OA que não são elegíveis, ou que, por qualquer razão, não beneficiam do programa. O que acontece então a estas OA?!... Ou mesmo aos agricultores não associados? Se são normalmente as financeiramente mais débeis, como poderão fazer a Extensão por conta própria?... Isto, uma vez que os serviços oficiais poucas provas nos têm dado. Resta-lhes como última hipótese, o recurso a gabinetes técnicos, o que é sem dúvida a solução mais dispendiosa de resolver a situação de quem já sente muitas dificuldades em se manter em actividade.

Podemos então dizer que as funções do MAPA, em relação à Extensão, estão a ser transferidas para as OA de uma forma bastante incompleta, apesar do sucesso relativo do PROAGRI, uma vez que este programa constitui apenas uma das medidas do processo de transferência da Extensão do MAPA para as OA.

Será portanto necessário que outras medidas sejam implementadas no sentido da formação de novas OA e de possibilitar condições económicas e humanas às organizações mais pequenas, por forma que estas possam enfrentar as novas perspectivas do mercado, segundo uma intenção de fortalecer as suas capacidades de gestão, de comercialização e um aumento da quantidade e qualidade dos serviços prestados aos seus associados.

Toda esta pretensa recuperação e/ou expansão do tecido cooperativo terá que passar pelo abandono do amadorismo do processo de gestão de muitas das OA, em favor de um processo de gestão e de um quadro técnico mais profissionalizado, recorrendo a técnicos com formação específica ou apostando na formação dos seus próprios quadros.

Posto isto, pensamos que não é difícil entender as ligações que se podem e devem estabelecer entre a Extensão Rural e as OA. Está bem claro que têm o mesmo objectivo - O Desenvolvimento Rural. A materialização desta ligação é-nos dada pelo Estado ao delegar nas OAs as responsabilidades de fazer a extensão para os seus associados, deixando transparecer ser sua intenção de no futuro conseguir que essa transferência

seja global; basta que não se esqueçam de tomar as medidas que viabilizem essa transferência.

Uma outra grande relação entre a Extensão e as OA verifica-se a nível do processo dialogante e participado, em que elas têm de se basear se tiverem intenções de sucesso. Senão vejamos:

- muitas das tentativas de acções de Extensão falharam porque foram pensadas em Lisboa ou importadas de outros países, não tendo havido o cuidado de ouvir as populações nem de as chamar a participar no processo de planeamento dessas acções;
- nas cooperativas e outras OA, não é difícil encontrar situações em que quem "governa" a organização é um "faz tudo", limitando-se os associados a tomar conhecimento dos factos já consumados, quando tal acontece!...

Ora bem, este processo participado e dialogante que julgamos indispensável para as acções de extensão, é muito mais fácil de se implementar e praticar dentro das OA, pois elas estão implantadas na região e como tal mais ligadas às realidades dos seus associados.

Quem concebe e decide tem que estar ligado à realidade através de uma observação muito próxima, que apenas se consegue com a vivência dos problemas dessa realidade, pois só assim nos é possível ultrapassar os riscos de se estar a conceber ou a decidir para uma realidade que não existe. É, contudo, importante ter bem presente que a Extensão

nas OA só poderá funcionar, ou funcionará tanto melhor, se estas tiverem tradição ou vontade de se regerem segundo um processo participado e dialogante.

Acreditamos pois que o Cooperativismo e a Extensão Rural têm um auspicioso caminho a percorrer, mas não podemos perder mais tempo a dizer que temos dificuldades, temos é que partir para a acção segundo as linhas que perspectivamos para os próximos anos:

- repensar os sistemas produtivos;
- repensar os circuitos comerciais;
- melhorar a qualidade e produtividade;
- florestação;
- explorar os produtos típicos;
- manutenção do espaço rural;
- criar zonas de lazer:
 - agro-turismo
 - cinegética
 - artesanato.

Todas estas acções deverão ser desenvolvidas tendo sempre presente a intenção de não degradar o meio ambiente e até, se possível, protegê-lo. Só deste modo estaremos a contribuir para o desenvolvimento sustentado que hoje se começa a preconizar.

Apesar das dificuldades que são por todos bem conhecidas, não queria terminar sem deixar uma palavra de ânimo e de confiança nas capacidades e motivações de todos os intervenientes neste processo, no sentido de virem a contribuir para as venceremos!...

* Eng. Zootécnico, Assistente na ESACB.

Declaro que pretendo ser assinante da Revista **AGROforum** por 1 ano (3 números)

A partir do nº _____

Para o efeito envio:

Cheque nº _____ s/banco _____

Nome: _____ Nº de Cont: _____

Morada: _____

Assinatura: _____

Continente e Ilhas - 750\$00